

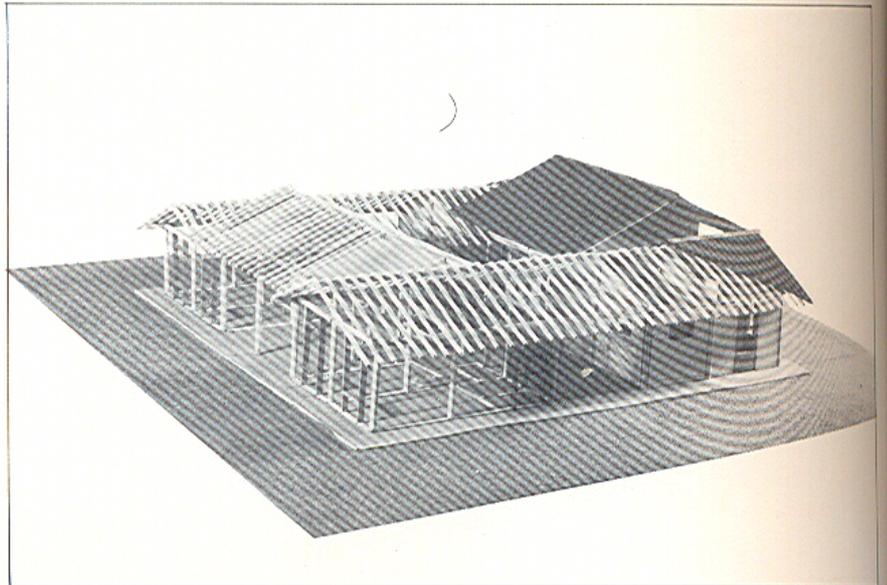
Memória

VAMOS CONSTRUIR COM A MADEIRA

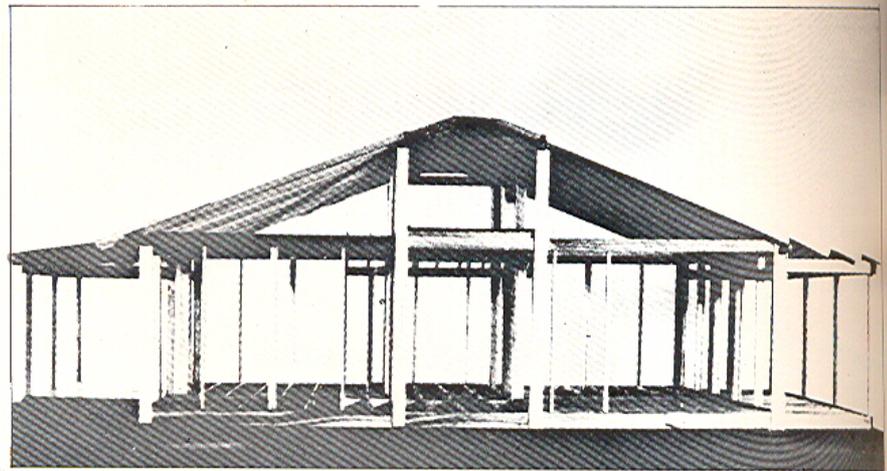
"O Brasil é a principal nação florestal quente do planeta. A árvore está aqui, não custou nem um tostão de qualquer ser humano nem um minuto do tempo deles: ela se ofereceu. No entanto, praticamente, não se aplica a madeira no Brasil e ainda se faz uma campanha muito grande e mentirosa contra ela." A opinião é do construtor baiano José Zanine Caldas, presidente e fundador do Centro de Desenvolvimento das Aplicações das Madeiras do Brasil, o DAM — uma Fundação sem fins lucrativos criada em dezembro de 1983, com o objetivo de promover o desenvolvimento da tecnologia aplicada ao uso da madeira na construção civil, utensílios e mobiliário.

Localizada em pleno Horto Florestal do Jardim Botânico, num anexo do Solar da Imperatriz, a Fundação reúne todas as tardes estudantes, arquitetos e amantes da madeira em geral, em torno de discussões teóricas, pesquisas e desenvolvimento de projetos que lhes são encomendados por empresas privadas e mesmo estatais, como o IBDF, com o qual mantém um convênio.

Recentemente, a Fundação realizou um seminário na PUC-Rio de Janeiro, onde diversos profissionais ligados ao setor debateram questões como preservação, exploração e utilização da madeira no Brasil, com um auditório lotado por cerca de 200 pessoas, na sua maioria estudantes. Paralelamente, no Solar Grandjean de Montigny, a exposição "A Vida e a Arte da Madeira no Brasil" reunia diversas maquetes de prédios construídos em madeira, além de móveis, esculturas e uma série de livros e revistas especializadas no assunto. Especialmente preocupado com o desperdício de madeira que hoje se verifica, seja nas serrarias ou na derrubada de florestas promovida pela expansão das fronteiras agrícolas, onde as sobras de madeira são desprezadas e vendidas como lenha ou carvão, Zanine propõe o reaproveitamento deste material como matéria-prima para a auto-construção. "Se esses 40% da nossa população que hoje vivem em condições subumanas tivessem consciência de que podem construir uma boa casa em madeira, eles hoje estariam vivendo melhor. Mas nós temos uma herança muito ruim. Todos os povos do



Habitação rural — proposta para utilização de pau roliço da região, desbaste de pinus elliottii ou eucalipto.



maquete do projeto, atualmente em execução, para alojamento e delegacia do IBDF, em Rondônia. O IBDF implanta o sistema construtivo modular em madeira.

mediterrâneo, há mais de cem anos, com a extinção da madeira, optaram pela construção em pedra e cal e nós assimilamos esta prática. Já os países nórdicos, por exemplo, têm larga tradição em construções com este material. Na Noruega, a 40º abaixo de zero, vi casas ótimas construídas em madeira, onde o frio não penetrava e a durabilidade era garantida. Nos Estados Unidos, e Canadá, pela influência da imigração européia, 80% das moradias de médio custo utilizam a madeira como material de construção."

Na tentativa de solucionar o problema, foi elaborado por um grupo de trabalho da Fundação um minucioso Manual da

Auto-Construção, publicado pelo IBDF, numa tiragem de 15 mil exemplares, que já estão sendo distribuídos nas diversas serrarias espalhadas pelo país. "A casa mais simples — explica Zanine — tem seis metros por seis, dois quartos, sala, cozinha, e é toda feita em madeira que era usada para fazer carvão, podendo ser revestida com taipa ou tijolo." Mas a falta de receptividade a este tipo de construção por parte da população em geral parece ser apenas um dos problemas enfrentados por seus precursores. O Arquiteto Cydno Silveira, membro da Fundação, que vem desenvolvendo um interessante trabalho de construção em taipa, já teve

problemas com a fiscalização em diversas de suas obras. "Quando começo a colocar a talpa, tem sempre um vizinho assustado que faz uma denúncia e chega o fiscal dizendo que não é permitido construir barraco na área — conta o arquiteto.

Zanine também nos conta que esteve em Carajás, onde a empresa Vale do Rio Doce construiu duas mil casas estruturadas em concreto, com o argumento de que a construção em madeira lhes sairia mais cara.

"Realmente — explica — a pouco tempo desenvolvemos um projeto na Fundação, todo estruturado em madeira, para o IBDF em Rondônia, e os empreiteiros de lá cobravam mais caro para construir em madeira do que em concreto, lá no meio da floresta. Isto porque o IBDF lhes entregaria toda a madeira e eles não ganhariam comissão. O cimento dá comissão para quem constrói, o ferro dá comissão, a madeira do IBDF, não."

Problema semelhante enfrentou o Arquiteto Sérgio Rodrigues, outro membro da Fundação, que já projetou mais de 200 casas em madeira, além de diversos móveis, dentre os quais tornou-se internacionalmente conhecida e consumida a Cadeira Mole (1957). Conta Sérgio que inicialmente, construía casas com o

objetivo de pesquisar modelos econômicos que pudessem resolver o problema de moradia das camadas de baixa renda mas logo deparou com os primeiros impasses. "Naquela época — explica — eu comprava madeira na serraria da esquina. O preço dos móveis e das casas ficava exorbitante e as pessoas não podiam comprar. Depois, esbarrei em outro obstáculo: a maior preocupação de uma pessoa envolvida com a criação é que todos possam usufruir aquilo que ela está criando. No entanto, em dado momento percebi que o móvel que eu desenhava não era comprado pelas pessoas para as quais eu destinava meu trabalho, porque estas pessoas procuravam status e status é exibição. Exibicionismo de uma pessoa que não tem posses é esnobismo total. Então, parei tudo e comecei às avessas. Estudei o bom desenho, o bom acabamento e o bom material e fiz móvel caro, para quem comprasse e para exportação. O dinheiro que ganhei investi na industrialização, única maneira de viabilizar o meu projeto." Hoje, trabalhando em conjunto com uma indústria madeireira disposta a realizar seu velho sonho, Sérgio Rodrigues vem desenvolvendo um modelo básico de residência baseado em peças pré-fabricadas e num sistema modular que permite ao

usuário projetar sozinho sua casa de acordo com suas necessidades.

"O problema da madeira no Brasil é muito sério — finaliza Zanine. Só conversando, discutindo, transmitindo experiências, passando informação, a gente vai conseguir melhorar esta situação. Todo ser humano se identifica com a madeira porque ela é uma matéria viva, quente e sedutora. Só é preciso uma tomada de consciência por parte da população para que se possa acabar com a safedez que hoje se faz com ela."

A Fundação DAM funciona no Anexo do Solar da Imperatriz, à Rua Pacheco Leão, 2040 — Horto. Lá está montada uma exposição permanente de peças, móveis, maquetes de obras, casas, etc. Suas oficinas, assim como seu vasto acervo de livros, revistas e projetos de construções em madeira, estão abertos a todos os interessados. Basta entrar em contato pelo telefone 294-7208. (Ricardo Ferreira)

ASSINE MÓDULO